

Livre fluxo do personalismo

AUSTREGÉSILIO DE ATHAYDE

Os candidatos aos mandatos que o eleitorado vai distribuir, pelo voto majoritário, como é da regra democrática, no próximo dia 15 de novembro, às vésperas do nonagésimo de nossa santa República, ocupam-se de maneira particular, e pouco lisonjeira, na destruição dos competidores. Em seus debates, alguns chegam a vilanias caluniosas, vociferações de impropérios pessoais, em ataques repulsivos que atingem muito mais aos que os preferem do que às vítimas das campanhas difamadoras. Não espanta a ninguém, como consequência de tanto despautério, que o tempo do horário gratuito nas televisões e nos rádios seja precisamente aquele em que os aparelhos são fechados, entre uma novela e outra, com uma queda vertical das audiências. Insultos de arreios não valem o custo da energia paga pelos consumidores nos meios eletrônicos de comunicação. Iremos entregar o nosso destino a indivíduos sem compostura moral, de pavio curto, explosivos, destemperados e impulsivos?

Até agora, pelo que leio, ouço e vejo, nenhum candidato às responsabilidades futuras do Legislativo disse publicamente quais as suas idéias a

respeito da tão chamada Carta Magna. Nada falam concernente ao lado de suas preferências, se são presidencialistas, parlamentaristas, ambigüistas, ou o que seja, sobre a futura organização política do Brasil. Muita absoluta nesse assunto, como nos outros de igual monta. Aqui e ali, por parte dos mais idealistas, assistimos apenas a um Jogo floral de primavera. Esses são aplaudidos pela meninada universitária ou apenas secundaristas, a maioria dos quais nunca leu a Constituição da República, e será incapaz de indicar o que diferencia o parlamentarismo do presidencialismo. Como já escutei dizer a um grupo de rapazes que ignoravam inteiramente quem proclamara a República e jamais ouvira falar na existência de Benjamin Constant ou Rui.

No entanto, é bom deixar esse fluxo livre de abastardo personalismo, porque quem conta são os homens e com eles teremos de lidar nos vindouros quatro anos da atribulada vida brasileira. Definições cabais e dogmáticas dentro de qualquer ortodoxia ideológica são historicamente incompatíveis com o visceral pragmatismo da nossa gente, tanto mais feliz quanto menos governada.